

# Os pontos que devem nortear a negociação

REALI JÚNIOR  
Nosso Correspondente

**PARIS** — O êxito definitivo de uma política econômica que permita ao Brasil e demais países do Terceiro Mundo superar a crise de endividamento que os envolve depende da própria reforma do sistema econômico internacional. Quatro pontos são essenciais e deverão ser objeto dessa negociação global: redução das taxas de juros reais, melhora nas relações de trocas, acesso aos mercados industriais dos produtos competitivos do Sul e renegociação da dívida acumulada. Esses são pontos fundamentais para que possam ser encontrados caminhos que permitam ao Brasil sair da crise em que se encontra atualmente.

Essa é a opinião do professor Ignacy Sachs, especialista em Brasil da "Ecole des Hautes Etudes Sociales", em Paris. Sachs, que considera o Brasil um laboratório social e um país predestinado a se tornar um dos líderes do Terceiro Mundo, lembra que, sem avanços nos três primeiros pontos acima citados, a simples renegociação da dívida acumulada não vai resolver o problema.

Antes de mais nada, o professor Sachs faz questão de destacar a importância de uma equipe econômica homogênea, o que ocorre pela primeira vez após as alterações introduzidas recentemente pelo presidente José Sarney. A seu ver, a atual equipe econômica está, agora, com "a faca e o queijo na mão", devendo começar a agir. De certa forma, identifica nessa equipe um retorno a algumas idéias da Copag, criada por Tancredo Neves.

Ele concorda também com o professor Antônio de Barros Castro, que, em recente artigo publicado no *Jornal do Brasil*, afirmou que o Brasil já fez um ajustamento estrutural. Na opinião de Sachs, existe um potencial e um saldo que devem ser usados para o crescimento econômico ou para saldar a dívida, e não apenas para pagar os juros da dívida.

De qualquer forma, a estrutura econômica já permite uma nova fase de crescimento do País. Os principais obstáculos que identifica são representados pela ausência de acesso aos mercados ricos, isto é, o protecionismo do Norte: o peso desmedido do serviço da dívida; o crescimento em bola de neve da dívida interna e o patamar absurdamente alto dos juros no mercado interno.

Em face desses obstáculos, o professor Ignacy Sachs considera que a luta contra a inflação, pela redução das taxas de juros e serviços das duas dívidas, também é um caminho que deve ser seguido. É claro que disciplinar as despesas públicas é outra iniciativa indispensável. Entretanto, todo êxito não só dos planos aplicados no Brasil, mas também em outros países do Terceiro Mundo, depende de alterações no sistema econômico internacional.

## DIÁLOGO

Além disso, o professor da *Ecole de Hautes Études Sociales* acredita pessoalmente na necessidade de um novo tipo de diálogo entre os países líderes do Terceiro Mundo e a Europa, pois juntos podem fazer "deslanchar" essa indispensável negociação global que já começa a ser aceita pelos governos do Norte, inclusive dos EUA. A próxima viagem do presidente Mitterrand à América Latina, ao Brasil e a Colômbia, deve ser aproveitada para estimular esse diálogo.

Indagado se a recente reunião dos cinco países mais ricos, que acabou provocando a atual baixa do dólar, já poderia ser considerada uma primeira tentativa de se buscar novas soluções, o professor Ignacy Sachs afirmou que se trata de um passo muito limitado e de consequências ainda incertas. Assim sendo, os resultados não podem ser considerados eficientes. O que se impõe, a seu ver, é uma revisão radical do funcionamento do Fundo Monetário Internacional e da própria filosofia que rege essa instituição financeira.

Para Sachs, encontros como da semana passada coincidentemente ocorrem sempre às vésperas de importantes reuniões do FMI, como a prevista para a Coréia do Sul nos próximos dias.

Uma boa coordenação das políticas de países como o Brasil, México, Argentina e Peru forçaria a comunidade financeira internacional a encarar finalmente uma negociação global. Ignacy Sachs não prega nenhuma forma de "calote", direto ou indireto, e muito menos um "calote a la Castro", mas apenas propõe que todos se sentem à mesma mesa para falar sério de um problema que atinge não só os pobres, mas também os ricos. Ele está convencido de que o Grupo de Cartagena tem condições para desempenhar um papel eficaz nessa direção.